

SXL



Jornal Interescolar

N.º 5 - 2018 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Edição da Câmara Municipal do Seixal

Ano Europeu do Património Cultural 2018



Editorial



A diversidade e as características próprias e comuns de um povo e da sua expressão cultural estão intimamente ligadas à dignidade e à valorização da ação humana, num determinado período de tempo, num dado contexto específico e relevante. É por serem únicas que estas expressões culturais não têm preço. Por esse motivo necessitam ser salvaguardadas, valorizadas e celebradas.

Para assinalar o Ano Europeu do Património Cultural, a 5.ª edição do *Jornal Interescolar* reflete as escolhas dos alunos das 7 escolas participantes no projeto, sobre o tema «Património Cultural». Não surpreende que todos tenham entendido que o património cultural português, tanto local como nacional, seria a escolha óbvia para muitos dos seus trabalhos.

Efetivamente Portugal é um país cujos bens patrimoniais, desde a nossa língua – elemento essencial do património cultural português – passando, entre outros, pela arqueologia, a arquitetura, o património artístico, documental, etnográfico, industrial, científico e tecnológico até aos bens imateriais, como são o fado e o cante alentejano, é um país de grande engenho e riqueza criativa.

Património cultural não é apenas passado. É memória, simultaneamente testemunho e alicerce do futuro, mas é também PRESENTE.

O conhecimento do património do país e do concelho é por isso fundamental para a salvaguarda e valorização no nosso presente – seja esse património a memória que uma placa de toponímia encerra, as portas abertas de monumentos, quintas e parques para nossa fruição coletiva, o Tejo navegado nas embarcações tradicionais, receitas da gastronomia típica ribeirinha, tradições características das manifestações populares, como a Marcha das Canas, ou tradições que hoje em dia constituem ícones da cultura portuguesa, como o são os Lenços dos Namorados.

Sobre tudo isto nos fala esta edição do *Jornal Interescolar*.

Estamos mais uma vez de parabéns pela partilha de conhecimento e informação e pelo trabalho coletivo desenvolvido entre a autarquia, as escolas da rede pública e a comunidade do município do Seixal.

Joaquim Santos
Presidente da Câmara Municipal do Seixal

Escola Básica António Augusto Louro

Proverbiando...

Quem tem boca vai a Roma.

Quem tem boca sabe muito.
Quem tem boca muito pergunta.
Quem tem boca muito aprende.
Quem tem boca muito entende.

Sandro Semedo

O saber não ocupa lugar.

Aprender, trabalhar e os objetivos alcançar.

As notas subir
Professores a sorrir
Pais orgulhosos
Presentes maravilhosos.

Serás mais inteligente
Evoluirás a tua mente
E ficarás mais contente.

Na escola vais brilhar
Em casa arrasar
E na rua deslumbrar.

Nunca te esqueças de estudar
E assim nunca vais fracassar
E no futuro irás brilhar.

Luís Rocha e Mariana Martins

O saber Não ocupa lugar.

Há que aprender,

Há que estudar.
Muito falar, muito errar.
Muito brincar, muito estudar.
Muito aprender, muito saber.

Mafalda Fernandes

Muito falar, Muito errar.

O melhor a fazer
Talvez seja calar.

Discussões
Podes evitar
E dores de cabeça
Não se vão criar

Amizades fortes
Vais criar
Em vez de inimigas
Para chatear

Falar o mínimo possível
Vai-te ajudar
Para a vida melhor
Aproveitar.

Tristezas e choros
Vais ultrapassar
Sorrisos e alegria
Vais encontrar

Vidas melhores
Oportunidades maiores
Caras sorridentes
Amizades decentes
Só tens de controlar
O que tens para falar.

Mariana Martins

Quem tudo quer, tudo perde.

Se tudo persegues,
nada consegues.

Tem calma contigo,
que aos poucos vais conseguir
encontrar o que mais queres.
Não podes é desistir.

Na vida
organizas os teus objetivos
mas se fazes tudo à pressa
não tens resultados positivos.

Aprende com este poema
que tens de te controlar
constrói um lema
para a tua vida organizar.

Madalena Balsa

O sol, quando nasce, é para todos.

Ao dar podemos mudar
e nos iluminar para ter
um dia melhor.
Para conseguir, temos
de batalhar,
pois sem batalhar não
ajudaremos.
Ao alcançar iremos
conquistar,
continuar o que podemos
dar,
para felicitar as pessoas
que queremos amar.

António Rocha



Unidade de Apoio Especializado à Multideficiência 1 e 2

Escola Básica António Augusto Louro

Os coretos

O coreto é uma cobertura, situada ao ar livre, em praças e jardins, utilizada para abrigar bandas musicais em concertos, festas e romarias. Em Portugal, encontram-se, praticamente, em todas as povoações, no seu centro ou junto a igrejas ou capelas. Também é usado para

apresentações políticas e culturais.

No Seixal existem apenas três coretos: Amora, Paio Pires e Fernão Ferro.

O coreto de Amora é um dos mais bonitos monumentos históricos da freguesia, localiza-se na zona ribeirinha e é palco de várias atividades

de animação de espaço público. A construção do coreto de Amora decorreu em 1907, através de subscrição pública, e foi oferecido à SFOA – Sociedade Filarmónica Operária Amorense.

No centro de Paio Pires existe um coreto antigo, onde se realizavam gran-

des bailes que atraíam vários visitantes do concelho do Seixal e concelhos vizinhos. O coreto esteve danificado, mas entretanto foi restaurado pela câmara municipal, prevendo-se a sua reinauguração em abril de 2018.

Sobre o coreto de Fernão Ferro não se encontrou

qualquer informação.

Temos esperança que também seja restaurado.

Luísa Freire,
Clube de Jornalismo



Ana Carolina Casquinha Nogueira

Escola Secundária Manuel Cargaleiro

Viver o património

No cimo dos montes, no cerne dos nossos povos, nas vozes das nossas gentes, na terra que pisamos, a nossa herança cultural, histórica e ambiental, a que chamamos património, desponta dos quatro cantos da terra. O património carrega consigo a história dos povos e o legado que estes transmitirão para as gerações futuras. Para celebrar o conjunto de bens, materiais e imateriais, que constituem a nossa herança, a União Europeia decretou 2018 como o Ano Europeu do Património Cultural.

Neste âmbito, na nossa escola, a Escola Secundária Manuel Cargaleiro, a disciplina de Oferta

Complementar de Escola (OCE) adotou o tema da Educação Patrimonial, neste ano letivo de 2017-2018. Esta disciplina tem permitido aos alunos de 7.º e 8.º ano a exploração de diversas vertentes do património, não só à escala da União Europeia, como também a nível regional e local, celebrando, assim, a riqueza e diversidade do legado cultural europeu. O ano letivo começou com os primeiros passos na Educação Patrimonial quanto à conceção de património e as suas diferentes categorias: património cultural móvel (peças arqueológicas, mobiliário, livros) e imóvel, como por exemplo os monumen-

tos; património cultural imaterial (literatura oral e tradicional, lendas e mitos, histórias de vida) e património natural. Mas afinal o que é o património? O património é a face visível da memória coletiva, uma memória que, por ser singular e específica de cada país, região ou lugar, merece ser preservada e continuada.



Amor e património

Familiarizados com o conceito, os alunos partiram para a missão de informar a comunidade escolar sobre o tema investigado. Numa primeira fase, fizeram-no através de um conjunto de trabalhos expostos na escola, entre 7 e 16 de fevereiro, no âmbito do Dia de S. Valentim. Para tal, os alunos produziram cartazes que incluíram elementos do património português alusivos ao tema do amor. Foram elaborados cartazes sobre, por exemplo, os túmulos de D. Pedro e D. Inês, no Mosteiro de Alcobaça, o fado – declarado pela UNESCO como Património Imaterial da Humanidade em 2011 – ou os bonecos de Estremoz – que passaram a ter essa mesma distinção em 2017. Os Lenços dos Namorados (ou Lenços de Pedidos), parte da tradição minhota, foram também celebrados

na exposição Amor e Património. Em conjunto com a disciplina de Educação Visual, os alunos replicaram estes famosos lenços.



Escola Secundária Manuel Cargaleiro

Sons, instrumentos e memórias

Mais recentemente, foi proposto aos alunos um trabalho, designado Objetos com História, História dos Objetos, de pesquisa sobre objetos tradicionais portugueses, como brinquedos, instrumentos musicais, objetos de uso doméstico, entre outros, de modo a preencherem uma ficha e de seguida um texto criativo sobre o objeto escolhido. No intuito de divulgar o património imaterial, o Clube Europeu da Escola associou-se ao ARTFEST (evento comemorativo do aniversário do nosso patrono, decorrido entre 19 e 23 de março), programado pela Biblioteca Florbela Espanca. No dia 20 de março, António Pontes, professor na Universidade Sénior do Seixal, acompanhado por duas alunas, por Joaquim Banza e pelo professor Vítor Silva dinamizou a oficina Sons, Instrumentos e Memórias, partilhando com

os alunos a paixão comum pela música, através de histórias, saberes e experiências

Esta atividade começou com a intervenção de Joaquim Banza, que mostrou e ensinou a arte de fazer e tocar instrumentos, tais como o bandolim, ensinando ainda alguns truques relativamente à sua construção. Seguidamente, o professor Vítor Silva encantou a audiência com o som da sua viola campaniça e, por fim, o professor Pontes deu a conhecer vários instrumentos de diferentes categorias, desde aerofones, como a gaita de foles, até cordofones, como a nossa conhecida guitarra, mostrando a sua habilidade para tocar a maioria deles. A atividade terminou com todos os presentes a cantarem algumas músicas tradicionais portuguesas, como «Ó rama, ó que linda rama» e «As saias».

Afinal a música é também um património comum, pelo que, no dia 22, houve ainda lugar para uma homenagem ao cante alentejano, com o Grupo Coral dos Serviços Sociais da Câmara Municipal do Seixal e, como não poderia deixar de ser, ao fado, interpretado por uma aluna da escola, Beatriz Rodrigues, homenageando assim dois exemplos de património imaterial, recentemente classificados pela UNESCO. Também a Oficina de Expressão Dramática, com o seu Grupo do Desassossego, se associou a estas comemorações, apresentando a peça «Bonecos de Luz», de Romeu Correia, e «Amores Impossíveis», escrita por um aluno e baseada na lenda açoriana «Lagoa das Sete Cidades».



Pintando a Europa – Art in Progress

Com o objetivo de conhecer a diversidade do património cultural europeu, material e imaterial, reconhecido pela UNESCO, a escola irá, ainda, participar na atividade Pintando a Europa – Art in Progress, recebendo uma exposição coletiva e contribuindo para o enriquecimento da mesma com algumas telas pintadas pelos alunos. Esta atividade, a realizar em meados de abril, contará também com a participação de alunos dos países

parceiros (Roménia, Chipre e Alemanha) do projeto FACE (Future Active Citizens of Europe).

Fica assim claro que, durante este Ano Europeu do Património Cultural, a herança patrimonial europeia foi celebrada de várias maneiras na nossa escola. Contudo, o ano letivo ainda não acabou e mais iniciativas culturais esperam os alunos e a restante comunidade escolar.

O Clube Europeu + Europa, um projeto da Direção

Geral de Educação, iniciou a sua atividade este ano letivo, tendo aceitado o desafio de se candidatar ao concurso anual proposto por aquela entidade. Este ano o tema foi «Património Cultural», integrando, deste modo, as iniciativas do Ano Europeu do Património Cultural que se assinala em 2018.

Os resultados da candidatura deste projeto foram divulgados no início de março e a nossa escola foi elegível, tendo cum-

prido os requisitos do regulamento do concurso. Entre cerca de 150 escolas, ficou classificada em 10.º lugar, ganhando uma comparticipação financeira de 600 euros.



Memória – O Nosso ADN Cultural

Através dos tempos, sempre o ser humano respeitou o passado para poder construir solidamente o seu futuro. Esse passado não é feito apenas de catedrais, pontes romanas ou vestígios arqueológicos. Para lá deste registo material, a consciência de um povo reside muito naquilo que constitui o arquivo das suas memórias: progride-se potenciando virtudes mas, sobretudo, corrigindo os erros. O próprio método científico assenta nestas

premissas elementares. Tudo o que é material é limitado, falível, finito; só é eterno aquilo que arquivamos no baú da memória. Um castelo, um palácio ou uma catedral testemunham materialmente uma época; porém, se um qualquer cataclismo, e a História regista muitos, através dos tempos, não deixar pedra sobre pedra, restar-nos-á o recurso à memória para revisitarmos esses tempos. Que testemunhos temos hoje da

baixa pombalina? Alguns, poucos, testemunhos subterrâneos e algumas originais «reconstituições» baseadas nas memórias. O que a Escola Secundária de Amora procura aqui trazer é uma demonstração desta realidade: o escasso e rústico testemunho material formal da freguesia, em grande parte já atropelado pelo avanço das novas urbanizações, pressionadas pela demografia, alheias a qualquer respeito por tudo o que era

edificação antiga, está bem substituído pelas memórias... Sobra-nos em tradição o que escasseia em monumentalidade; sobeja em história aquilo que não sobressai em majestosas edificações. Memória – este é o grande repositório do património cultural da nossa cidade. Passou a ruralidade, desapareceu a aristocracia agricultora e veraneante, pulverizaram-se as unidades fabris que dinamizaram as duas margens do

rio Judeu. Porém, o que se mantém bem viva é a memória desses tempos em que a aristocracia aqui asilava e as fábricas potenciaram a génese de um movimento operário que, a par de uma consciência cívica, lançou as sementes de uma consciência política de combate ao regime ditatorial implantado. Memória – eis, pois, o lastro cultural que nos orgulha.

Simão Cadete

Quinta da Princesa – O Refúgio de Uma Alma Abandonada

A Quinta da Princesa situa-se na freguesia da Amora, na parte ocidental. É uma quinta senhorial com um palácio, construída no tempo da monarquia, como local de lazer da família real portuguesa, ocupando várias dezenas de hectares. Apesar da conotação maioritariamente negativa que hoje em dia se atribui ao local, a Quinta da Princesa possui uma história riquíssima, que remonta a 1350, ano em que o mais antigo proprietário conhecido, o judeu David Negro, a adquiriu. Depois deste, quinze outros proprietários se seguiram, destacando-se a princesa D. Maria Francisca Benedita, a quem a quinta deve o seu nome.

Considerada o «pequeno pulmão da zona» devido às vastas matas de pinhal que a preenchem, destaca-se na paisagem da quinta a casa senhorial, que serviu de zona de repouso e caça a nobres fidalgos. Devido à qualidade do solo e abundância de água, no final do século passado, a quinta serviu de plantação de vinhas e pinheiros. Foi ainda reedificado o famoso Paço de Amora, que resiste até hoje, embora o estado de conservação de um espaço tão belo da nossa freguesia deixe muito a desejar. Quanto à designação «Quinta da Princesa», é preciso contar a história da princesa do Brasil e Infanta de Portugal, D. Maria Francisca Benedita Ana Isabel Josefa Antónia Lourença Inácia Teresa Gertrudes Rita Joana Rosa de Bragança. Quarta filha de D. José I e irmã de D. Maria I, D. Maria Francisca casou aos trinta anos de idade com o sobrinho de quinze, D. José, recebendo o casal o título de príncipes do Brasil aquando da morte do rei e ascensão de D. Maria I ao trono.

D. Maria Francisca, depois de viúva, dedicou-se muito à caridade e fundou o Hospital dos Inválidos de Runa. Após a sua morte (aos 83 anos), o príncipe Augusto de Bragança, sétimo filho de D. Maria II, comprou a propriedade, então apelidada Quinta da Princesa graças aos anos que a benevolente lá habitou, secando as lágrimas do fim de um grande amor. Eis o baú da memória que conserva este património cultural da freguesia e que a toponímia justamente conserva.

Raquel Teixeira

Infante D. Augusto – A Corte na Aldeia

O vento da nossa memória arrasta-nos até meados do século XIX, ao ano de 1847, quando nasceu o Infante D. Augusto de Bragança. Quem era, que dá nome a uma rua de Amora? Por onde andou? E o que fez? Augusto Maria Miguel Gabriel Rafael Agrícola Francisco de Assis Gonzaga Pedro de Alcântara de Loiola de Saxe-Coburgo-Gotha e Bragança, mais conhecido por D. Augusto de Bragança e era o sétimo filho de D. Maria II de Portugal e de D. Fernando II de Portugal.

Teve uma educação de príncipe e viria a seguir a carreira militar no exército do reino e, em 1867, foi-lhe concedido o título de Duque de Coimbra. Este membro da família real comprou uma propriedade na freguesia de Amora, concelho do Seixal. Como oficial de cavalaria que era, dedicou-se à criação de cavalos de raça na sua própria quinta de Amora, que no final do século passado beneficiou com a plantação de vinhas e pinheiros e reedificação do famoso Paço de Amora, que ainda existe, embora em degradado estado de conservação, conhecido como Paço do Infante ou Palácio de Cheira-Ventos. Permaneceu como herdeiro da segunda linha de sucessão da coroa de Portugal até seu irmão, o Rei Luís I, gerar seu primeiro filho, Carlos I, Rei de Portugal, em 1863.

D. Augusto faleceu prematuramente no ano de 1889, com a idade de 42 anos. Fica na nossa memória como um dos homens ilustres do reino, que encontrava, no sossego destas paragens, o contraponto do bulício da cidade e da intriga que sempre marcou a vida da corte.

Bárbara Gourgel



Manuel da Costa – A Vida por Uma Utopia

Manuel Augusto da Costa, pedreiro de profissão, segundo os registos, foi um amorensense para quem as novas gerações deverão olhar como um exemplo de quem leva os valores que considera justos até às últimas consequências, a morte, que o ceifou a meio de uma luta desigual contra o regime ditatorial que governava o país.

Como muitos outros, Manuel da Costa trabalhava nas novas instalações do Arsenal do Alfeite, cumprindo diariamente a rotina que cada trabalhador cumpre, entre a casa e o local de trabalho.

Muita gente sabia do seu envolvimento em ações de propaganda contra o regime salazarista, sendo na altura um elemento do movimento anarcossindicalista, muito ativo junto do operariado que com ele trabalhava.

Como é usual em qualquer regime totalitário, a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE),

polícia política, tratou de criar uma espessa rede de informadores, os denominados «bufos», que, a troco de uma malga de caldo, não hesitavam em entregar um vizinho, um amigo ou mesmo um familiar. Foi por esta via que Manuel da Costa foi apanhado.

Após um dia de trabalho, regressava a casa onde o esperavam a esposa, a filha e os outros dois filhos, Manuel da Costa e Dionísio Costa. Os tempos eram outros e as vias de comunicação não eram o que hoje conhecemos pelo que, no regresso do trabalho, utilizava um atalho que encurtava a sua jornada até à sua casa no Correr d'Água. Um dos tais informadores deu conta à polícia do percurso alternativo habitual de Manuel da Costa, que andava armado pois sabia os perigos que corria. Num fatídico final de dia, este anarcossindicalista foi surpreendido por uma patrulha da polícia política. Instintivamente, mete a

mão no bolso para puxar da arma que trazia, sempre em posição de disparo. Os polícias, sabendo que ele andava armado e adivinhando o gesto da mão no bolso, deram-lhe uma sapatada sobre essa mão que, inadvertidamente, provocou um disparo que atingiu o Manuel num pé. Foi detido de imediato, levado para um hospital para tratamento, após o que deu entrada na prisão onde ainda foi diversas vezes visitado pelos filhos e esposa. O resto já a história regista com maior rigor. Em 19 de outubro de 1936, com Edmundo Pedro e Bento Gonçalves, entre outros, faz parte do primeiro grupo de 152 presos políticos enviados para o Tarrafal, o «Campo da Morte Lenta», criado pelo Decreto-Lei n.º 26 539, de 23 de abril de 1936. O grupo era heterogéneo, pois incluía, para lá dos citados, alguns marujos da «Revolta dos Marinheiros», em setembro desse ano, e

operários da revolta dos vidreiros da Marinha Grande. Chegam dez dias depois, a 29 desse mesmo mês e ano, a bordo do navio «Loanda», para ocuparem as instalações provisórias daquele que também foi designado como «o pântano da morte».

A 3 de junho de 1945, talvez vítima da famosa biliosa, doença que surgia após o paludismo, Manuel Augusto da Costa morre, deixando para trás uma vida de luta pela liberdade. O cinismo do regime mais uma vez a impor-se: nenhuma comunicação oficial chegou à família. Só mais tarde, através de um amigo do Barreiro, os familiares tomaram conhecimento do falecimento deste combatente.

Só regressaria à sua terra em fevereiro de 1978, quando uma multidão aguardou a chegada dos restos mortais das 33 vítimas mortais daquele campo de concentração, para os acompanharem à

morada final no cemitério do Alto de S. João. Para a história, fica o registo de 340 combatentes pela liberdade que tiveram que passar todo o tipo de privações naquele «locus horrendus» onde, nas palavras bárbaras e sádicas de um dos seus diretores, só se chegava para morrer. O primeiro médico a chegar afirmava mesmo que não estava ali para curar mas para passar certidões de óbito.

Fica a memória e o respeito devido a todos aqueles que, como Manuel Augusto da Costa, deram a sua vida por uma causa, a grande causa da liberdade. Este breve escrito pretende ser apenas um humilde tributo para com alguém que pagou com a morte a luta de uma vida para que hoje possamos livremente evocar todas as nossas memórias.

Simão Cadete

Pedro Eanes Lobato – De Aljubarrota até Amora

O espaço da memória reserva para esta figura um lugar de destaque que nos conduz à época da cavalaria, quando um grupo de portugueses empenhou a própria vida para que continuássemos a ter um país designado Portugal. Entre esses «barões assinalados» inclui-se Pedro Eanes Lobato.

Nascido em Santarém,

o seu nome pertence ao rol das testemunhas que atestam o casamento de D. Inês de Castro com D. Pedro I. Tudo consta de um registo publicado em Coimbra, no ano de 1360. Foi nomeado, durante o tempo de D. Fernando, para vassalo do conde de Barcelos, e com seus irmãos, Estêvão e João Eanes Lobato, esteve pre-

sente no famoso cerco de Lisboa em 1384.

Antes de começar a Batalha de Aljubarrota, foi armado cavaleiro por D. João I e acompanhou sempre o seu camarada de armas D. Nuno Álvares Pereira. Notabilizou-se também no campo das letras, tendo escrito um livro sobre a arte da guerra que ofereceu ao rei D. Duarte. Morre

em Lisboa, com idade avançada.

Na freguesia de Amora, Pedro Eanes Lobato é das figuras históricas que povoa a nossa memória. Foi com toda a justiça escolhida para patrono da Escola Básica Pedro Eanes Lobato, que encabeça a pirâmide do agrupamento de escolas do mesmo nome. Uma figura histórica que

faz parte do património cultural desta cidade e cuja memória sempre lembrará esta figura que pisou, como nós, as pedras e os torrões desta freguesia em tempos de indefinição, mas que ele ajudou a definir.

Simão Duarte

Escola Secundária João de Barros

Património cultural português

Os alunos da turma de Artes 10.º H da Escola Secundária João de Barros escolheram património classificado pela UNESCO em Portugal e vários monumentos nacionais para, em técnica livre, se expressarem no âmbito do tema – Ano Europeu do Património Cultural. No total foram produzidos 27 trabalhos apresentados no seu conjunto numa exposição

digital. Adriana Matos desenhou o Panteão Nacional. Monumento em estilo maneirista, barroco e neobarroco. Construído entre 1558 e 1966 – ano da sua inauguração. Ana Maria Guedes desenhou o Mosteiro dos Jerónimos, inaugurado em 1601 e Monumento Nacional desde 1907. Andreia Torres desenhou a

Torre de Belém, inaugurada em 1519, Monumento Nacional desde 1910. Ambos os monumentos estão inscritos na Lista de Património Mundial Classificado pela UNESCO desde 1983. Cristina Furtado optou por desenhar a Rosa dos Ventos, localizada no Padrão dos Descobrimentos em Lisboa, inaugurada a 5 de agosto de 1960.

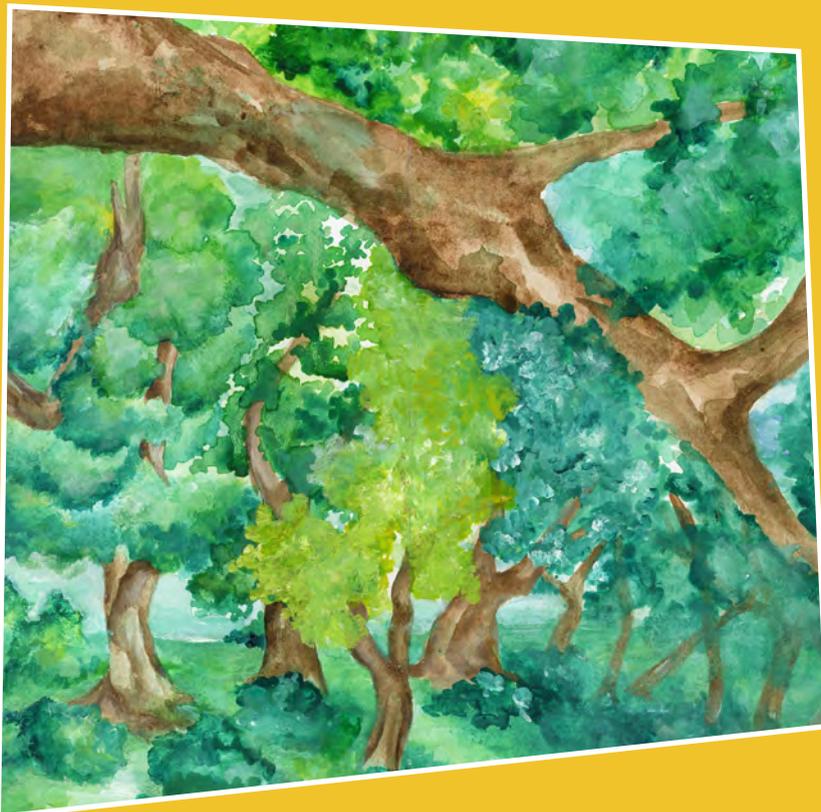
João Vidinha escolheu desenhar uma casa típica de Santana, com telhado de colmo que remonta ao descobrimento da Ilha da Madeira em 1419. Ariana Mendes encantou-se com o Lar de Idosos de Alcácer do Sal, da autoria dos arquitetos Aires Mateus, um edifício de excelência premiado como Edifício do Ano Archdaily 2014, e Bruna Neto

pelo Palácio da Misericórdia em Viseu, com fachada rococó da segunda metade do século XVIII. Beatriz Carvalho e Margarida Galvão desenharam o Templo Romano de Évora, Monumento Nacional desde 1910 que integra o Centro Histórico de Évora e está inscrito na Lista de Património Mundial Classificado pela UNESCO em 1986.

Floresta Laurissilva madeirense

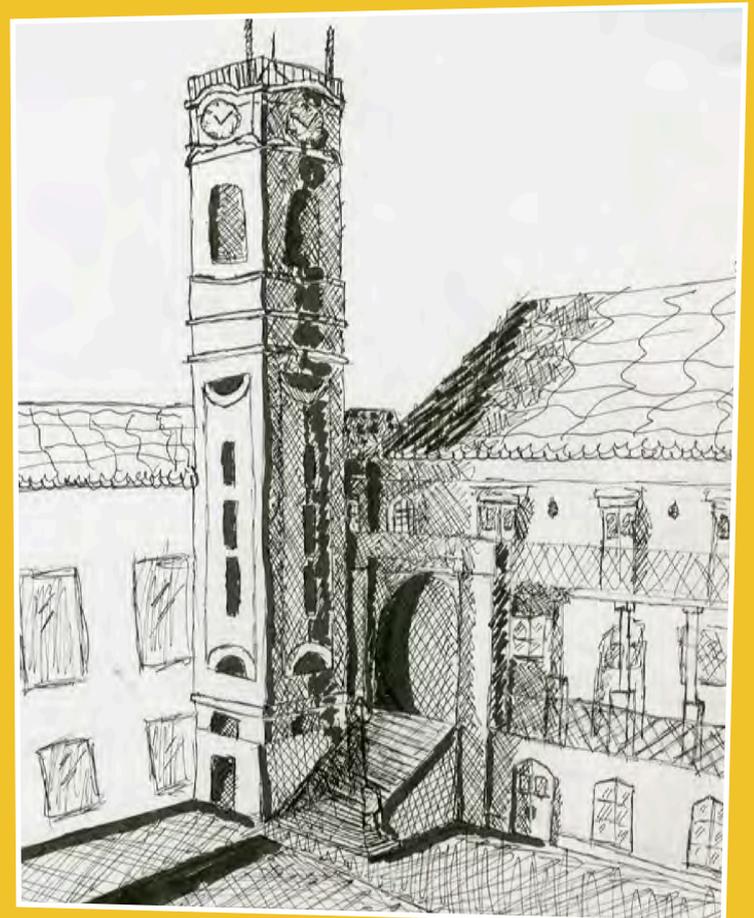
Ana Micaela Andoni e Camila Cruz escolheram desenhar a floresta Laurissilva madeirense, inscrita na Lista de Património Mundial Classificado pela UNESCO em 1999.

Ocupa uma superfície de 15000 hectares, representa a mais extensa e a melhor conservada Laurissilva das ilhas atlânticas. A sua origem remonta ao Terciário, onde chegou a ocupar vastas áreas no sul da Europa e na bacia do Mediterrâneo. As últimas glaciações levaram ao seu desaparecimento no continente europeu, sobrevivendo apenas nos arquipélagos dos Açores, da Madeira e das Canárias.



Universidade de Coimbra

Vítor Reis desenhou a Universidade de Coimbra. Fundada em Lisboa no ano de 1290 pelo Rei D. Dinis, a universidade foi instalada definitivamente no Paço Real da Alcáçova (Paço das Escolas) em Coimbra no ano de 1537. Foi inscrita na Lista de Património Mundial Classificado pela UNESCO em 2013.



Camila Ribeiro desenhou a Basílica do Bom Jesus do Monte em Braga, localizada no Santuário do Bom Jesus do Monte. Igreja de estilo neoclássico, do arquiteto Carlos Amarante, construída entre 1784 e 1811. Classificada como Monumento de Interesse Público. Débora Mirandez desenhou o galo de Barcelos e Leonor Lameiro Santos, um pastel

de Belém que com receita exclusiva e secreta constitui uma das mais populares especialidades da doçaria portuguesa. Ambos são cartão-de-visita e símbolo nacional. Elisabete Carvela escolheu desenhar a ria de Aveiro, ou foz do Vouga com barcos moliceiros e Pedro Santos desenhou um fontanário do Convento de Cristo em

Tomar, monumento que remonta ao séc. XII, intimamente ligado à Ordem Militar de Cristo, fundada por D. Dinis em 1319, cuja magnífica janela manuelina foi construída no século XVI. Inscrito na Lista de Património Mundial Classificado pela UNESCO em 1983. Beatriz Ramalho e Marta Cotovio desenharam o Aqueduto das Águas Livres,

obra notável de engenharia hidráulica, inaugurado em 1748. Nuno Taborda e Tatiana Maurício escolheram a Sé Catedral de Lisboa ou Igreja de Santa Maria Maior do século XVII. Monumento Nacional desde 1910. Miguel Cordeiro desenhou o Moinho de Maré de Corroios, também conhecido como Moinho do Castelo.

Foi mandado construir por D. Nuno Álvares Pereira em 1403, adquirido pela Câmara Municipal do Seixal em 1980 e integra atualmente o Ecomuseu Municipal.

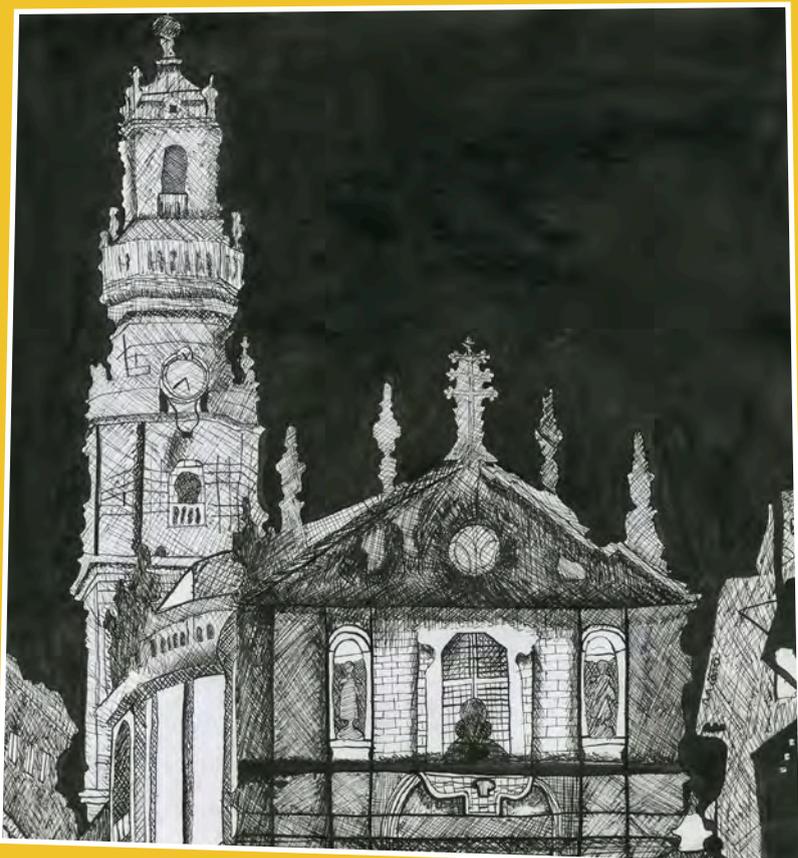
Palácio da Pena

Afonso Nabais (autor do desenho), André Fróis, Isabel Miguel e Tiago Encantado dedicaram-se ao Palácio da Pena em Sintra. Datado de 1854 é Monumento Nacional desde 1910. O Palácio da Pena representa uma das principais expressões do romantismo arquitetónico do século XIX. Integra a Paisagem Cultural de Sintra – inscrita na Lista de Património Mundial Classificado pela UNESCO em 1995.



Igreja e Torre dos Clérigos

Mariana Teófilo desenhou a Igreja e Torre dos Clérigos conjunto arquitetónico em estilo tardo-barroco, do arquiteto Nicolau Nasoni, datado de 1763, considerado o *ex-libris* monumental da cidade do Porto. O monumento está ligado à irmandade que tinha como missão prestar assistência aos clérigos. É Monumento Nacional desde 1910.



Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira



Afinal o que é património cultural?

Entrevista ao professor Edgar Rendeiro, professor de Filosofia na Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira e profundo conhecedor do património cultural existente no concelho do Seixal

– Faculte-nos de forma breve alguma informação histórica sobre o património cultural existente no Concelho do Seixal.

– O património cultural do concelho apresenta vestígios de ocupação humana desde a pré-história. Há muitos elementos da ocupação romana. Na Quinta do Rouxinol (Corroios), um vasto espólio romano e aqui bem perto de nós, na Quinta de São João (Arrentela), encontraram-se sepulturas romanas. Há imensos elementos patrimoniais que têm origem na época medieval: o Moinho

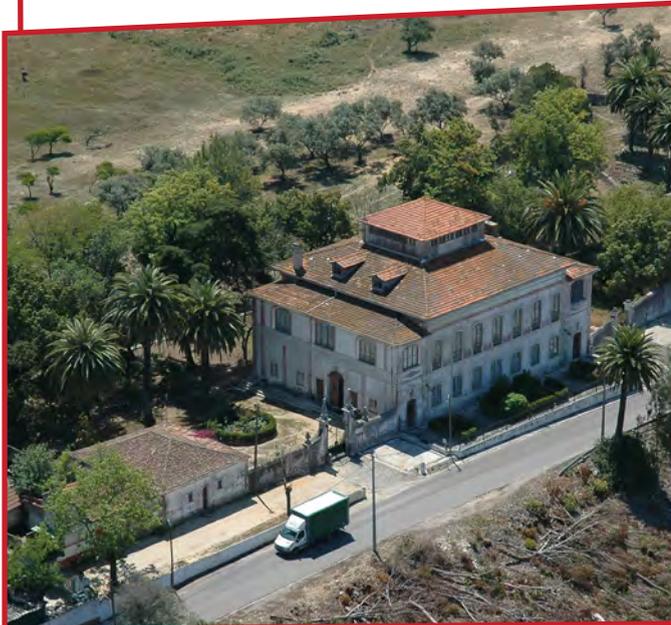
de Maré de Corroios é o mais conhecido, mas também as grandes quintas senhoriais como a da Fidalga (ligada à família dos Gama), da Princesa, da Trindade, da Palmeira (já desaparecida), etc. Na Quinta de São Pedro, em Corroios, descobriu-se uma necrópole medieval-moderna. Indústrias medievais da moagem de cereais e da construção naval.

A partir da segunda metade do século XIX e até aos anos 60 do século XX, o concelho começa progressivamente a industrializar-se. Desse processo temos muito

património edificado e não só. No século XIX: Fábrica de Lanifícios da Arrentela; Fábrica de Vidros da Amora; Companhia Africana da Pólvora (Vale de Milhaços); fábricas de farinhas e adubos de peixe associadas a alguns moinhos de maré. Já no século XX, instala-se no concelho uma das mais importantes indústrias, a corticeira L. Mundet & Sons (1906); a corticeira C.G. Wicander (1913); duas indústrias de seca de bacalhau, Sociedade Nacional de Pesca e Parceria Geral de Pescarias (1917); indús-

trias conserveiras (anos 20); a corticeira Companhia de Agricultura de Portugal (anos 30); Produtos Corticeiros Portugueses (1935); corticeira Queimado & Pampolim (1941); indústria de seca do bacalhau Atlântica (1947); e, em 1961, inicia a sua laboração aquela que é ainda uma das maiores indústrias do país, a Siderurgia Nacional. Ligados a estas indústrias surgiram vários bairros operários, que ainda existem na sua maioria (bairro da Trindade, bairro operário em Amora, bairro na Torre da

Marinha, bairro no Casal de St.º António, etc.). Todas as bandas filarmónicas atualmente existentes no concelho, catalisadoras da cultura, surgiram na segunda metade do século XIX. Associados a elas construíram-se (século XIX e primeira metade do século XX) estéticos coretos (quatro, dos quais só restam dois). Há também tradições que constituem o património imaterial do concelho, como as estórias relacionadas com o nome de Paio Pires; a do milagre do recuo das águas do rio em 1775



(Arrentela); a do nome do próprio rio (Judeu); as procissões religiosas e as marchas profanas (Marcha das Canas no Seixal, marchas populares nas diferentes freguesias); uma tradição cuja antiguidade não se sabe ao certo, mas já perdida e muito em voga durante o século passado, as cegadas; receitas de culinária; artesanato à base de cortiça, barro, madeira (miniaturas de barcos). Muito mais haveria para dizer.

– Considera que no Seixal existem potencialidades culturais e patrimoniais que deveriam ser conhecidas?

– Sim, claro. Por exemplo, a Quinta da Trindade, embora não seja propriamente desconhecida, o património que alberga no seu interior não é tão conhecido. A quinta tem vários conjuntos de painéis de azulejos de composição figurativa e também de padrões não figurativos, alguma estatuária (bustos), múltiplos apontamentos arquitetónicos

de valor ornamental (cornijas, capitéis, altos relevos, cantaria, etc.), mas, sobretudo, uma sala com um teto de madeira, com caixotões que representam cenas da mitologia grega (século XVIII). A Quinta da Trindade é conhecida, mas o interior da mansão e a capela com o seu ornamentado altar não o são. Outro exemplo, a Quinta da Princesa tem sete séculos de história...

Ou o exemplo do Palácio do Infante ou o do Paço da Amo-

ra (século XIX), do príncipe Augusto, filho de D. Maria II. Mesmo aqui perto da escola havia algumas quintas com algum património de valor: a Quinta de Nossa Senhora do Monte Sião e a Quinta de Nossa Senhora da Soledade (quase eliminadas pela urbanização), e a Quinta Nova. Há outro património, do qual apenas sobraram alguns elementos dispersos e a memória de quem os conheceu, por exemplo:

Sabiam que houve no conce-

lho uma fábrica de plásticos, a Unisotra, que também chegou a fabricar brinquedos? Que também houve uma fábrica de garrafas (local do atual E. Leclerc de Amora) que chegou a abastecer todo o mercado interno?

Sabiam que tinham existido várias unidades conserveiras sediadas em várias freguesias?

Sabiam que houve uma pequena indústria de gelados sediada na Amora?

Sabia que temos outras distinções de marca de Património Cultural Imaterial?

A Carta de Lei de Abolição da Pena de Morte em Portugal, documento do Arquivo Nacional da Torre do Tombo

A Lei da Abolição da Pena de Morte de 1867 – carta de lei pela qual D. Luís sanciona o decreto das Cortes Gerais de 26 de junho de 1867 que aprova a reforma penal e das prisões, com abolição da pena de morte recebeu, no dia 15 de abril de 2015, a distinção de Marca do Património Europeu. Esta consagração é muito

importante pelo impacto na promoção dos valores da cidadania europeia, dos direitos humanos e para a construção de uma identidade baseada nos valores da tolerância e respeito pela vida humana, onde se inclui a Convenção Europeia dos Direitos Humanos.

O fabrico de chocalhos do Alentejo, reconhecido pela UNESCO como Património Cultural Imaterial

É uma arte singular que existe na região do Alente-

jo – a arte chocalheira de Alcáçovas há mais de dois mil anos – e o chocalho é um instrumento de percussão tradicional português. O uso de chocalhos pendurados no pescoço do gado tem uma função elementar na paisagem sonora das áreas rurais, pois através do som inconfundível os pastores conseguem localizar e dirigir os rebanhos. Em Alcáçovas pode-se visitar o Museu do Chocalho, com uma coleção particular superior a 3000 peças.

Os bonecos de Estremoz

A UNESCO classificou como Património Cultural Imaterial da Humanidade, em 2017, a produção dos bonecos de Estremoz, em barro. É uma arte popular com mais de três séculos e com mais de uma centena de figuras diferentes inventariadas. Esta arte, a que se dedicam vários artesãos do concelho de Estremoz, no distrito de Évora, consiste na modelação de uma figura em barro cozido, policromado e efetuada manualmente,

segundo uma técnica com origem pelo menos no século XVII.

Fado e cante alentejano reconhecidos pela UNESCO como Património Cultural Imaterial

O fado foi a primeira expressão artística em Portugal a ser classificada pela UNESCO como Património Mundial Imaterial da Humanidade em 2011, seguindo-se em 2014 o cante alentejano.



Seixal, Marcha das Canas. Imagem cedida pela página Seixal a Minha Terra, Viagens Fotográficas e Outros Registos

Canas do Seixal

Receita de Maria Antónia Batista

INGREDIENTES:

200 g de farinha
Maizena
300 g de farinha de trigo

240 g de manteiga
Sal grosso q.b.
Água q.b.
Azeite q.b.

RECHEIO:

250 g de açúcar
1 dl de água
12 gemas

PREPARAÇÃO

Peneire a farinha e deite a manteiga derretida no centro. Junte o sal derretido em água quente. Amasse até que a massa deixe de se colar às mãos. Molde uma bola e deixe a massa repousar. Ponha num tacho o açúcar e a água e leve ao lume até levantar fervura. À parte bata as gemas. Retire o açúcar do lume e deixe arrefecer um bocado. Envolve as gemas no açúcar mexendo bem. Volte a pôr o tacho ao lume para cozer (pouco, para não talhar). Estenda a massa com cuidado até ficar bem fininha. Corte uns retângulos e sobreponha umas 2 ou 4 folhas, pincelando os intervalos com manteiga derretida. Deite no meio uma colher de sopa de recheio. Enrole e coloque num tabuleiro untado com manteiga. Leve ao forno a 190° até ficarem douradas.

Escola Secundária Dr. José Afonso

Conheçam melhor alguns tesos

Fomos à descoberta do património cultural do Seixal. Apresentamos-vos alguns dos *ex-libris* do nosso concelho os nossos leitores se encantassem com a sua autenticidade, originalidade e exemplaridade que fazem com que

Ao fresquinho na quinta

Nome original – Quinta do Vale do Grou.

Nome atual – Quinta da Fidalga.

Data de nascimento – Século XV.

Local de nascimento – Avenida da República, Arrentela.

Filiação – Fundador: Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama.

Proprietário atual: Câmara Municipal do Seixal que a adquiriu, em 2001, à família Gama Lobo Salema.

Estado civil – Disponível no verão, de terça-feira a domingo, das 10 às 19 horas; no inverno, de terça-feira a domingo, das 10 às 17 horas.

Uso atual – Lazer e cultura.

Funções antigas – Agricultura, lazer e apoio na construção das embarcações.

Sinais particulares – O Lago de Maré que é um monumento raro na arquitetura hidráulica europeia; o palacete que tem no seu interior uma capela, aí integrada no século XX, em substituição de outra mais antiga e que se encontra revestida por azulejos portugueses do século XVIII; a fonte, em frente à capela com a estranha forma de um peixe e que terá sido trazida da Índia por Vasco da Gama.

Um pouco de história (ou histórias...):

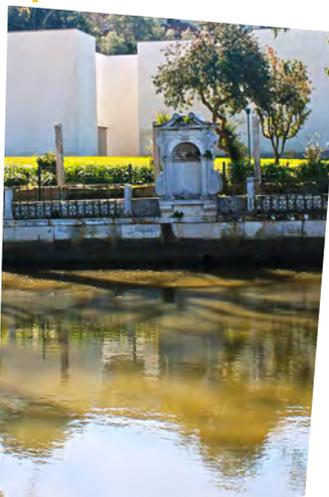
Conta a lenda que Paulo da Gama, irmão de Vasco da Gama, terá vivido no Seixal e acompanhou a construção das caravelas.

Nos jardins pode-se admirar uma pequena capela e diversas fontes e lagos ornamentados com conchas, seixos e azulejos de várias épocas. Curiosamente, numa das fontes as conchas e seixos que a revestem representam várias caravelas.

Lago de maré – tal como acontece nos moinhos de maré, o lago enchia com a subida da maré, através de uma comporta. Com a água que entrava vinham também peixes cuja pesca constituía uma forma de diversão das famílias que outrora habitavam a quinta.

A designação Quinta da Fidalga tem origem popular porque ali terá vivido uma fidalga impedida de casar com um oficial cujas tendências políticas eram contrárias às da família.

Guilherme Oliveira, Inês Rodrigues, Tiago Chagas



Imprimir como no séc. XV

Nome original – Tipografia Popular do Seixal.

Nome atual – Espaço Memória – Tipografia Popular do Seixal.

Data de nascimento/ano de fundação – 1955.

Local de nascimento: Praça de Luís de Camões n.º 39-41, Seixal.

Filiação – Fundador: Augusto Palaio (um tipógrafo).

Proprietário atual: Câmara Municipal do Seixal.

Estado civil – Aberto a relações de amizade duradoras... de quarta-feira a domingo, das 10 às 12.30 e das 14.30, às 17.30 horas.

Sinais particulares – Espaço preservado que reutiliza algumas máquinas que hoje se encontram praticamente desaparecidas da indústria tipográfica, o que o torna especial e autêntico e com um valor patrimonial muito importante.

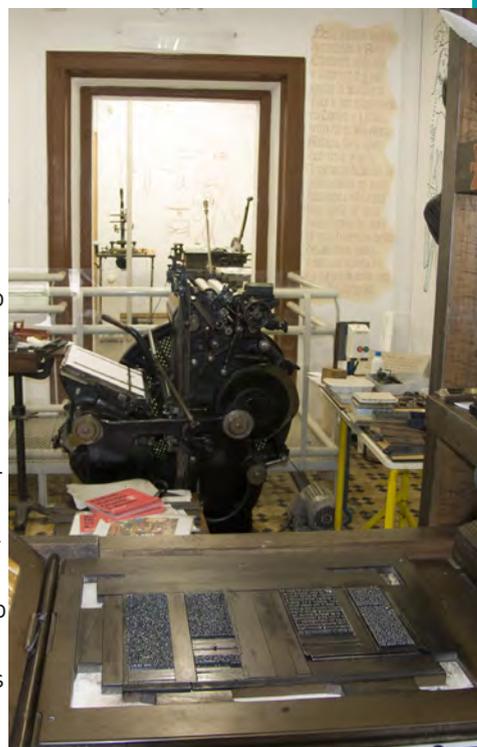
Atividade atual – A antiga tipografia é atualmente um espaço de museu que nos dá a conhecer as antigas técnicas e conhecimentos de uma oficina tipográfica tradicional.

Um pouco de história:

Após a sua morte do seu fundador, a atividade foi continuada pelos seus filhos, António Augusto Rodrigues Palaio e Eduardo Augusto Rodrigues Palaio.

Este espaço foi oferecido à autarquia e dispõe atualmente de um serviço educativo destinado sobretudo à comunidade escolar mas também a outras entidades como as associações de reformados e idosos. Eduardo Palaio continua, hoje em dia, a explicar aos visitantes a história da tipografia desde o seu nascimento, em 1470, e também a história do livro. Apresenta ainda as diferentes máquinas e faz demonstrações do seu funcionamento e da evolução dos processos de impressão. Existem máquinas do século XIX e algumas do início do século XX e até uma réplica, em miniatura, de uma máquina do século XV na qual ainda é possível fazer impressões como nessa época.

António Félix e Laura Gracioso



Romanos + história

Nome – Olaria Romana da Quinta do Rouxinol.

Data de nascimento – Foi criada aproximadamente em 235 d. C. Foi classificada como Monumento Nacional em 1992 e foram descobertos dois fornos durante os verões de 1986 a 1990.

Local de nascimento – Na zona ribeirinha do sapal de Corroios, na Quinta do Rouxinol, freguesia de Corroios, concelho do Seixal.

Filiação – Fundador: Romanos. Proprietário atual: Câmara Municipal do Seixal.

Estado civil (horário) – Solteira, exceto quando há visitas marcadas pelo Ecomuseu Municipal do Seixal.

Sinais particulares – Esta olaria apresenta parte de dois fornos de cerâmica, um pequeno fragmento de um terceiro forno e uma outra pequena estrutura, talvez para cozedura de materiais mais sensíveis. O primeiro forno tem ainda a câmara de combustão, em forma de pera, um pequeno corredor de acesso e três arcadas que suportariam a uma grelha sobre a qual seriam colocadas as peças.

O segundo forno está melhor conservado, com três arcadas de suporte da grelha e a existência de um pilar de suporte a uma dessas arcadas.

Os achados arqueológicos das escavações constituem uma das melhores coleções de cerâmica romana do nosso território.

Atividade atual – Núcleo museológico da Quinta do Rouxinol que está integrado no Ecomuseu Municipal do Seixal.

Um pouco de história:

Esta Olaria Romana da Quinta do Rouxinol terá sido um importante centro de produção de cerâmica, que, na época romana, estava presente em quase todas as atividades. Produzia-se aqui grande diversidade de

uros do Seixal

em forma de Cartão de Identidade. Quisemos que, como nós, hoje sejam testemunhos relevantes da memória do nosso concelho.

barro =

loíça doméstica, materiais de construção (telhas e tijolos) e também as famosas ânforas, para o transporte de vinho ou preparados de peixe. Há ainda vestígios de moldes de lucernas para iluminação. Funcionou a partir do século II d.C. e era uma grande fonte de abastecimento para a população local mas também para a de Lisboa (Olisipo) e até para outros pontos do império romano, aproveitando as vias de comunicação fluviais e marítimas e também a proximidade às argilas ribeirinhas do sapal, que poderão ter sido, eventualmente, a fonte de matéria-prima da olaria.

Diogo Domingos, Simão Nunes e Tiago Teixeira

Cores a navegar no Tejo

Nomes – «Amoroso», o varino, «Gaivotas» e «Baía do Seixal», os botes de fragata, são as embarcações tradicionais do Tejo, elementos do património do concelho do Seixal.

Datas de nascimento – O «Baía do Seixal» é o mais velho e nasceu em 1914; o «Amoroso» nasceu em 1921 e o «Gaivotas» nasceu em 1934.

Local de nascimento – No geral, as embarcações maiores, como o varino, eram construídas no distrito de Aveiro mas o «Amoroso» nasceu em Abrantes; o «Gaivotas» em Alhandra e o «Baía do Seixal», como é uma embarcação de menor porte, pode ter sido construído nos estaleiros que antigamente existiam no estuário do Tejo.

Filiação – Anteriores proprietários: vários e privados.

Proprietário atual: Câmara Municipal do Seixal.

Estado civil (horário) – condicionado ao estado de tempo. Disponível nos meses de abril a outubro, que são mais favoráveis para a navegação à vela.

Sinais particulares – As pinturas tradicionais que estas embarcações exibem são da autoria de mestres carpinteiros navais, que as decoravam para ocasiões especiais. Têm motivos geométricos e naturalistas, como flores e folhas, e também figuras de inspiração local que são uma verdadeira marca da identidade cultural desta região.

As velas de pano eram estendidas e cortadas, por vezes na areia das pequenas praias ribeirinhas. Inicialmente eram cosidas à mão e posteriormente à máquina.

Atividade atual – Hoje em dia, é possível fazer passeios turísticos no Tejo, a bordo destas belas embarcações de madeira, em passeios temáticos e durante diversas festividades do concelho. Usam-se as técnicas tradicionais de navegação à vela, embora lhes tenham sido instalados motores auxiliares.

São tribuladas por um mestre (arrais) e um marinheiro e respeitam todas as normas de segurança exigidas pela autoridade marítima.

Um pouco de história:

Antigamente, estas embarcações desempenhavam importantes funções na ligação das duas margens do rio. O varino «Amoroso» era utilizado para o transporte de cargas diversas e, nessa época, era conhecido como «Eduardo» e «Eduardo Primeiro». Só em 1945 foi chamado de «Amoroso». Hoje tem lugar para 60 pessoas.

O bote de fragata «Gaivotas», anteriormente denominado «Aurora Primeiro», «Abílio Trindade» e «João Luís», foi empregue no transporte de areia e pedra para as indústrias da região.

O bote de fragata «Baía do Seixal» já se chamou «Emília», «Flôr de Coína» e «Cici» e efetuava o transporte de cortiça. Antes da construção das pontes sobre o Tejo, estas embarcações foram de extrema importância no abastecimento de produtos e no transporte de pessoas, a nível local e para a capital.

Madalena Lopes e Mariana Santos

«Prussianos» e «franceses» no Seixal

Nome – Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense

Data de nascimento – 1848.

Local de nascimento – Av. Dom Nuno Álvares Pereira 121, Seixal

Filiação – Grupo de homens que se confessavam simpatizantes da revolução francesa.

Estado civil – disponível todos os dias, das 12 às 15 horas e das 19.30 às 23 horas.

Sinais particulares – É também designada como «Sociedade Velha» e antigamente como «Os Franceses».

Atividade atual – Tem uma banda filarmónica e uma escola de música.

Um pouco de história

É a sociedade mais antiga do concelho do Seixal e é considerada uma das entidades importantes na divulgação de diferentes formas de criação artística, nomeadamente música e literatura.

Por volta de 1870 surgem divergências na sociedade motivadas pelas simpatias dos associados pelos envolvidos na guerra franco-prussiana que entretanto tinha rebentado. A discussão de um novo estatuto dará origem a uma cisão e à criação de uma nova coletividade e às designações de «prussianos» e «franceses» ou ainda «música nova» e «música velha».

Diversas personalidades de relevo na cultura nacional passaram por esta coletividade. A título de exemplo: Carlos Paredes, Fernando Lopes Graça, Agostinho da Silva, entre outros.

Possui desde sempre uma biblioteca e desenvolveu uma intensa atividade ligada à promoção da leitura. Dinamizou também um grupo de teatro e uma orquestra de jazz, Os Aranhas.

Nome – Sociedade Filarmónica União e Seixalense.

Data de nascimento – 1871.

Local de nascimento – Seixal, R. Dona Maria II, n.º 21.

Filiação – Grupo de seixalenses, dissidentes da Timbre.

Estado civil – disponível todos os dias, das 13 às 23 horas.

Sinais particulares – É também conhecida por «Sociedade Nova» e antigamente como «Os Prussianos».

Atividade atual – Banda e escola de música e também diversas atividades desportivas e recreativas.

Um pouco de história:

Para além da atividade da banda, o teatro teve também grande importância, tendo sido criado o primeiro grupo em 1925.

Ao longo dos anos, desenvolveu atividades culturais diversas de que se destaca uma «réplica» do programa «Zip-Zip», bailes de Carnaval e da Pinha. Recebeu a visita de diversas personalidades como David Mourão Ferreira, Natália Correia, Raúl Solnado, entre outros.

Em maio de 1975, foram restabelecidas as relações numa festa organizada por sócios das duas coletividades.

André Vigário e Margarida Vieira



Escola Básica Paulo da Gama

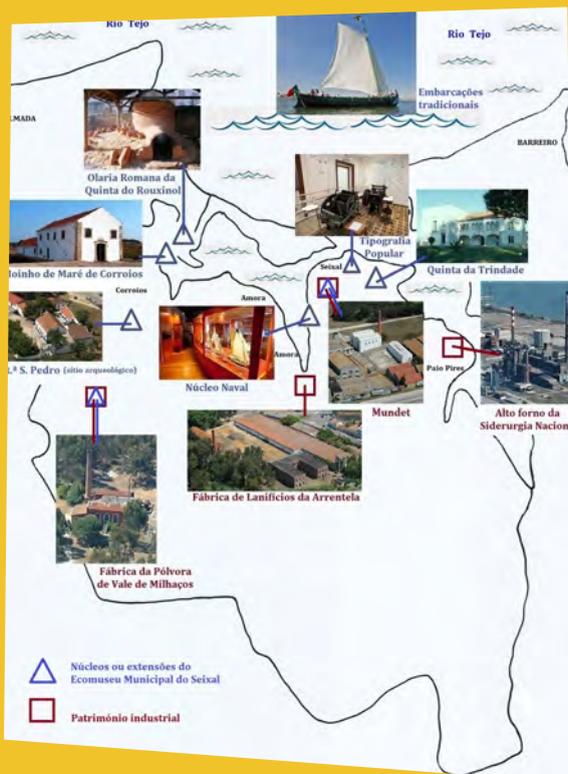
Património cultural do concelho do Seixal

«O património cultural é importante para nós percebermos as condições em que vivemos hoje. Porque nós somos o resultado de uma série de gente que viveu aqui, neste mesmo espaço, ao longo do tempo. (...) E dessa vida subsistiram memórias, há coisas que ficaram no território, ruínas, vestígios arqueológicos... e as mais recentes ficaram na memória das pessoas. (...) aquilo que temos hoje é o resultado desse percurso de centenas ou mesmo de milhares de anos.»

(Jorge Raposo, arqueólogo do Ecomuseu Municipal)

Alunos do Clube de Jornalismo

Núcleos e extensões do Ecomuseu Municipal e sítios de património industrial



Olaria Romana da Quinta do Rouxinol

Numa entrevista feita pelo Clube de Jornalismo ao Dr. Jorge Raposo, arqueólogo do Ecomuseu Municipal do Seixal, este falou-nos sobre a Olaria Romana da Quinta do Rouxinol, o único vestígio no concelho que está classificado como Monumento Nacional.

«É também o vestígio mais antigo de uma construção humana no território do Seixal. Antes de aparecerem estes vestígios arqueológicos, tínhamos a ideia de que o Seixal tinha ganho alguma importância na Idade Média e já nos tempos modernos, séculos XIV e XV, com as questões da construção naval, dos moinhos de maré e da ocupação agrícola destes territórios. Com a descoberta da Quinta do Rouxinol, conseguimos recuar a história do Seixal mais de mil anos, porque aquela olaria trabalhou entre o séc. III e o séc. V. Durante esse período, produziram-se naquela olaria cerâmicas muito importantes para a vida das pessoas que moravam aqui nesta zona: a loiça de barro de que toda a gente precisava nas cozinhas. Para além disso, faziam-se também as ânforas, peças de barro, grandes, que serviam para transportar conservas de peixe, vinho e muitas outras coisas. Esta zona do estuário do Tejo era muito importante na época romana porque tinha muito peixe no mar e no rio, havia muito sal para as conservas e muita argila e lenha para os fornos da cerâmica. Várias fábricas faziam conservas de peixe que eram colocadas em ânforas e depois exportadas para todo o império romano. Há ânforas produzidas na Quinta do Rouxinol espalhadas por todo o lado. Portanto, o sítio foi importante na época romana e hoje também é, porque ilustra uma atividade económica de tradição milenar realizada aqui no concelho.

O sítio arqueológico é visitável no contexto das atividades do Serviço Educativo do Ecomuseu e está aberto a todas as escolas e outros grupos que queiram conhecê-lo. A Câmara do Seixal tem em curso um projeto de transformação do espaço para melhorar as condições de visita. Será desenvolvido nos próximos anos e, portanto, é possível que em 2019 ou 2020 o sítio já esteja integrado num parque mais agradável e com outra acessibilidade.»

Património industrial do concelho do Seixal

Na 2.ª metade do século XIX, desenvolveu-se a atividade industrial, ocupando-se espaços, transformando-se a paisagem e a vida das comunidades. O século XX confirmou essa transformação.

Hoje, restam vestígios dessa industrialização.

Conhecer o património industrial do concelho do Seixal é uma forma importante de valorizar a história e a vida da população do seu território.

Clube de Jornalismo



Fábrica de Pólvora de Vale de Milhaços

Esta antiga unidade fabril do concelho do Seixal foi fundada em 1895.

Depois de uma grande explosão, a fábrica foi reedificada em 1898, segundo uma nova planta e com características tecnológicas que a tornavam mais eficiente e segura, pela Companhia Africana de Pólvora, sendo comprada por Francisco Camello, em 1922.

Além das oficinas, dispersas por uma vasta superfície florestal por questões de segurança, destaca-se a casa da máquina. Aí está instalada a máquina a vapor Joseph Farcot, adquirida em 1900, com a potência de 125 c/v. A fábrica produzia pólvora negra utilizada na preparação de terrenos para a construção de obras públicas: pontes, barragens, estradas e túneis.

Esta unidade encerrou em 2001, mas, por se ter reconhecido o seu valor patrimonial, foi classificado como monumento de interesse público e é, atualmente, uma extensão do Ecomuseu Municipal do Seixal, sendo ainda possível ver a máquina a vapor a funcionar.



Andreia Balsinha e Catarina Pegas

Alto-forno da Siderurgia Nacional

A Siderurgia Nacional localiza-se em Aldeia de Paio Pires, concelho do Seixal. Foi fundada em 1961 pelo empresário António Champalimaud, produzindo aço pela via integrada, isto é, em que se parte das matérias-primas (minério de ferro e carvão) para se chegar ao aço a aplicar noutras indústrias.

Para esta produção era fundamental o alto-forno, o único que se construiu em Portugal. Era aí que se dava a fase mais importante do processo de transformação: o alto-forno era o coração da Siderurgia Nacional.

O número de trabalhadores chegou a rondar os 4 mil. Por este motivo, a Siderurgia Nacional teve uma grande relevância no panorama industrial português, tendo enormes repercussões a nível local, nos planos socioeconómico, demográfico e ambiental.

O alto-forno foi encerrado em 2001, deixando de se produzir aço pela via integrada. Desde então que se fala na possibilidade de o alto-forno ser preservado, pela importância da sua memória industrial.



Daniela Canhoto e Inês Mafra

Mundet

Em 1905, a empresa corticeira Mundet, com origem na Catalunha, instalou-se, no Seixal.

Ao longo do tempo, as instalações da fábrica foram ampliadas, ocupando uma grande área. A Mundet chegou a ser uma das maiores empresas mundiais do setor da cortiça.

A fábrica do Seixal preparava e transformava cortiça em vários produtos, destacando-se a grande variedade de rolhas, em especial as de champanhe, e o papel de cortiça, que era aplicado em vários produtos, como os filtros dos cigarros.

Na década de 1940 trabalhavam na fábrica do Seixal cerca de 2500 trabalhadores. Depois de entrar em crise, a Mundet encerrou no ano de 1988.

Em 1996, a Câmara Municipal do Seixal adquiriu as suas instalações e adaptou alguns edifícios para preservar e cuidar dos equipamentos lá instalados, como o Edifício das Caldeiras Babcock & Wilcox (de produção de vapor) e o Edifício das Caldeiras de Cozer Cortiça. Ambos constituem o núcleo da Mundet do Ecomuseu Municipal.

No edifício dos antigos escritórios funcionam os serviços centrais do Ecomuseu.

Rafael Pereira



Ficha técnica

Escola Secundária de Amora

Professor: Simão Cadete
Alunos: Bárbara Gourgel, Gonçalo Silva, Raquel Teixeira, Simão Duarte

Escola Secundária Manuel Cargaleiro

Professores: Júlia Freire, Maria José Moreira, Jorge Duarte, Margarida Fonseca
Alunos: Artur Lemos, Catarina Valadas, Gonçalo Felizardo, Joana Armário

Escola Secundária Dr. José Afonso

Professoras: Alice Santos, Dora Pinheiro, Dulce Oliveira
Alunos: André Vigário, António Félix, Diogo Domingos, Guilherme Oliveira, Inês Rodrigues, Laura Gracioso, Madalena Lopes, Margarida Vieira, Mariana Santos, Simão Nunes, Tiago Chagas, Tiago Teixeira.

Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira

Professora: Ana Paula Gonçalves
Alunos: Beatriz da Costa Ribeiro, Beatriz Sobral Encarnação, Helena Pericão, Inês Gomes, Joana Abraços, Joana Barreiros, Lara Magalhães, Maria Inês Mendes, Margarida Bernardo, Priscilla Barbosa, Rafaela Graciane Lourenço

Escola Secundária João de Barros

Professora: Cristina Gaspar
Alunos: Adriana Matos, Afonso Martin Nabais, Ana Maria Lopes Guedes, Ana Micaela Andoni, André Correia Fróis, Andreia Cristina Torres Ariana Sofia Mendes, Beatriz Carvalho, Bruna Neto, Camila Alexandra Ribeiro, Camila Cruz, Cristina Delgado Furtado, Débora Filipa Mirandez, Elisabete Martins Carvela, Isabel Miguel, João Vidinha, Leonor Carias Santos, Margarida Vaz Galvão, Maria Beatriz Ramalho, Mariana Cardoso Teófilo, Marta Cotovio, Miguel Cordeiro, Nuno Taborda, Pedro Santos, Tatiana Isabel Maurício, Tiago Miguel Encantado, Vitor Reis

Escola Básica Dr. António Augusto Louro

Professores: Anabela Pires Carreira, Cláudia Amaro, Isabel Preto, José Plácido e Ladislau Albuquerque
Alunos: Afonso Rocha, Alice Torres, Ana Nogueira, António Rocha, Diogo Fernandes, Inês Neves, Leonor Torres, Luís Rocha, Luísa Freire, Madalena Balsa, Mafalda Fernandes, Margarida Santos, Mariana Martins, Marina Rodrigues, Sandro Semedo, Vicente Namorado, Unidade de Apoio Especializado à Multideficiência 1 e 2

Escola Básica Paulo da Gama

Professores: Ana Bela Matos, Carlos Carrasco, Sérgio Cruz e Zélia Tostão
Alunos: Alexandre Lima, Andreia Assunção, Andreia Balsinha, Catarina Pegas, Daniel Fonseca, Daniela Canhoto, Daniela Ramos, Guilherme Pimenta, Inês Braga, Inês Mafra, João Pegas, Lara Oliveira, Lucas Soeiro, Marta Amaro, Rafael Pereira, Tiago Caldinhas

Companhia de Lanifícios de Arrentela

A Companhia de Lanifícios de Arrentela constituiu-se em 1862, instalando-se num local próximo do rio Judeu e já antes ocupado por atividades industriais: lavadouro de lãs (propriedade de André Durrieu), Real Fábrica de Mantas e Cobertores para o Exército (1831), fábrica de estampania de algodões (1848) e Fábrica de Lanifícios da Arrentela (1855).

Com novas máquinas, incluindo «uma excelente máquina a vapor de força de 48 cavallos, que trabalha continuamente com toda a sua força. É obra da Officina Nacional do sr. Collares e a primeira que se fez em Portugal» (e a primeira no concelho do Seixal), a fábrica ganhou importância na indústria nacional, vencendo vários prémios na 2.ª metade do século XIX pela qualidade dos seus produtos.

A fábrica, que chegou a dar trabalho a 500 famílias, funcionou até à década de 1980.

Vários dos seus edifícios chegaram até hoje, mas a maquinaria e os equipamentos perderam-se, apesar do seu valor patrimonial.

Andreia Assunção e Lara Oliveira

Escola Secundária Alfredo dos Reis Silveira



Escola Secundária de Amora



Escola Secundária João de Barros



Escola Secundária Manuel Cargaleiro



Escola Básica Dr. António Augusto Louro



Escola Secundária Paulo da Gama



Escola Secundária Dr. José Afonso

